

AULA Nº 1

LET110 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Funções sociais da escrita

O surgimento da escrita

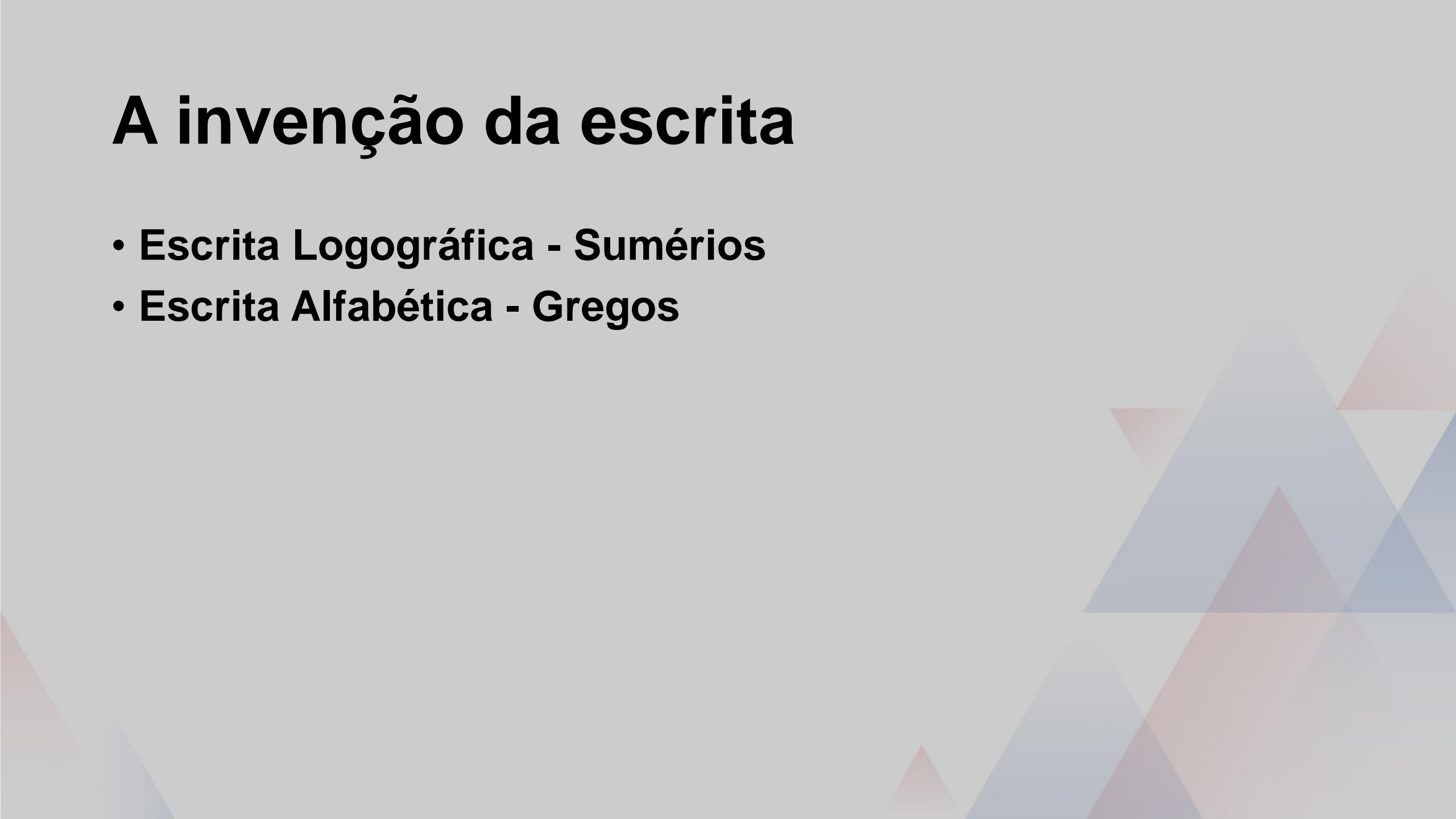
- A escrita surge como meio de comunicação: um conjunto de marcas visíveis relacionadas, por convenção, a algum nível estrutural específico da linguagem.
- Essa definição destaca o fato de que a escrita é, em princípio, a representação da linguagem, e não uma representação direta do pensamento.
- A história da escrita é, em parte, uma questão da descoberta e representação desses níveis estruturais da linguagem falada, na tentativa de construir um sistema de escrita eficiente, geral e econômico capaz de atender a uma variedade de funções socialmente valiosas.

Funções da Escrita

- **Preservação**
- **Acumulação de conhecimento**
- **Registro**
- **Função Mnemônica**
- > **Arquivo**

A invenção da escrita

- Escrita Logográfica - Sumérios
- Escrita Alfabética - Gregos



O poder da escrita

“Aprendi que o efeito de uma notícia era muitas vezes ampliado quando transmitido por escrito. As mensagens que teriam sido recebidas com dúvida e desprezo se tivessem sido dadas de boca em boca agora eram tidas como verdade do evangelho.”

Isak Dinesen, Out of Africa

Sociedade da escrita

- **É um dever da escola ensinar a escrever**

TINTA SOBRE PAPEL: TÉCNICAS DE ESCRITA E DE REPRESENTAÇÕES DE ILUSÕES

Este texto objetiva discutir questões a respeito ao ensino da disciplina de Língua Portuguesa, a partir de algumas posições defendidas por Geraldini e paulatinamente descoladas do contexto e dos compromissos que as motivaram. Pesquisadores em diferentes momentos de sua formação, orientados pelo prof. Valdir Barzotto, conduzem com ele a discussão, abordando os seguintes pontos: a produção de conhecimento na universidade e a relação com os saberes já produzidos, na qual se afirma a necessidade da curiosidade criativa por parte do pesquisador, que favorece a ultrapassagem do legado de conhecimentos já produzidos e socializados; a perspectiva defendida por Geraldini que colocava o texto como centro das aulas de Língua Portuguesa foi paulatinamente golpeada, já que os compromissos que a alavancavam foram redimensionados, permanecendo mais o registro linguístico do que a formação de sujeitos capazes de questionar as bases da sociedade que explora o seu trabalho; a incorporação do termo “produção de textos” no lugar de “redação” nos discursos dos professores pode ser sinal de uma transmutação de propostas de trabalho; a reflexão acerca de aspectos da escrita na universidade permite que se entrevejam formas limitadas de domínio de escrita que são ensinadas, exercitadas e validadas na universidade; a percepção da vinculação da modalidade de língua convencionada como culta, os controles sociais e assujeitamentos permite que esta variedade seja representante das relações de poder, mas também de subversão.

Compreensão do artigo

“Preocupado com o que a Universidade tem oferecido como produção de conhecimento hoje, tenho insistido que as inúmeras repetições daquilo que um autor escreveu não trazem grandes contribuições, nem para o trabalho do autor, nem para o acúmulo de conhecimento feito pela humanidade.

Mesmo que se aceite vastamente que a repetição em outros contextos, a aplicação de conceitos de um autor em outros dados, seja uma forma de produzir o novo, acredito que não é uma vantagem aceitar de partida que isso é suficiente e que isso é o máximo que se pode esperar dos alunos que hoje frequentam o ensino superior.

Enfrentando esses mecanismos de congelamento da curiosidade criativa, alguém que produz conhecimento precisa, em sinal de respeito às gerações que o precederam, ir além do legado que recebeu.”

Compreensão do artigo (cont.)

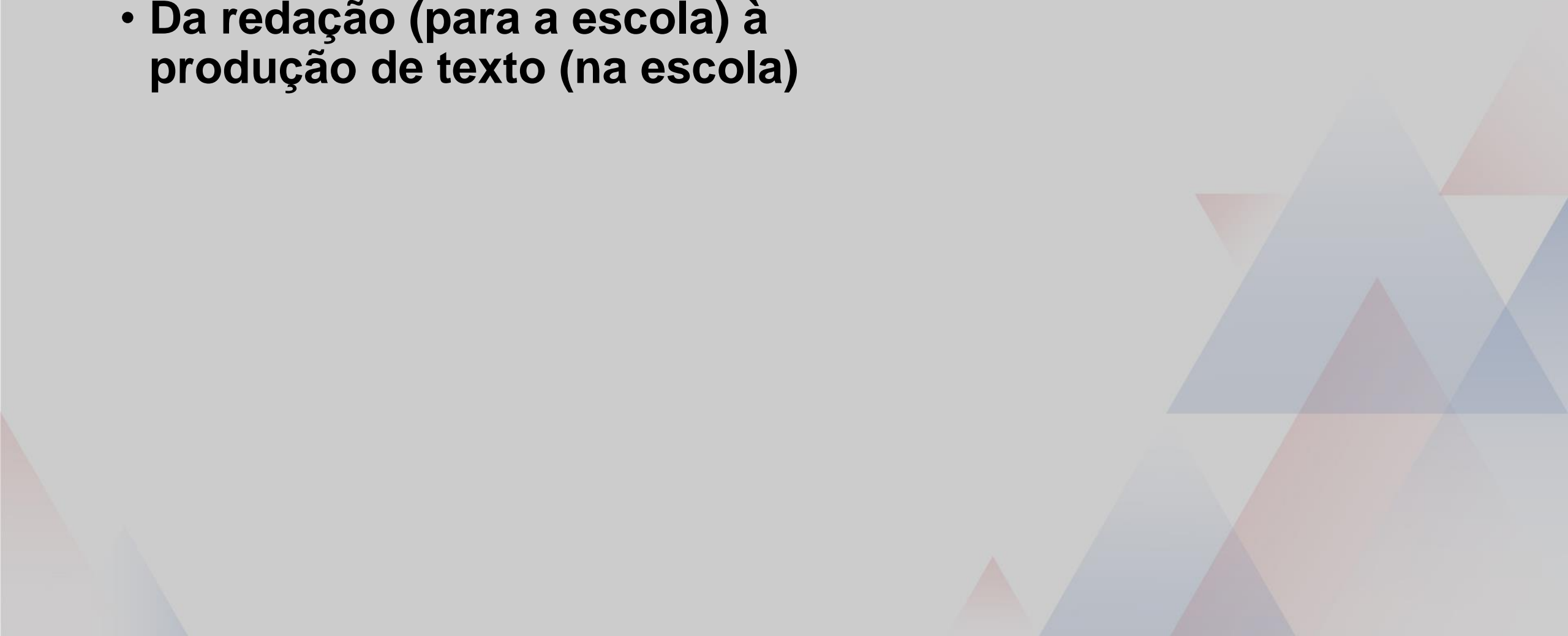
“Se apenas recolhemos o que nos foi deixado sem trabalhar em sua transformação, para além de um impedimento da continuidade da obra de um autor específico, estamos nos negando o direito ao movimento, à construção de algo novo. Trata-se aqui, então, de defender a **curiosidade criativa, a inquietude.**”

Imitar não pode ser o objetivo final

“Aproveitando a crítica ao ensino da gramática a partir de exemplos extraídos da literatura considerada de qualidade, propôs-se para a sala de aula exercícios de imitação de textos variados, mas considerados exemplares das esferas em que circulam. Embora a imitação possa ser um recurso didático importante para aprender a escrever, neste caso ele é um fim em si, imitar é o objetivo final.”

O ensino da escrita

- Da redação (para a escola) à produção de texto (na escola)



Crise da escrita

“Chamamos de inserção na cultura escrita mais do que o uso de habilidades para escrever a partir de modelos ou para consumir os textos já existentes, mas a possibilidade de experienciar da interação com o outro por meio da escrita.”

A língua pode ser trabalhada de duas formas:

“a) como instrumento de comunicação e troca; b) como objeto de descrição. Se a segunda forma (b) é colocada em primeiro lugar, o estudante fica preso a um contexto de alienação, de falso saber. Sendo assim, o aluno adquire verdadeiro asco pelo trabalho de escrita e isso se mostra em seus textos, já que escreve de forma precária, utilizando conceitos aos quais, muitas vezes, não atribui sentido. Geraldi (2004) acredita que o aluno precisa escrever ativamente, não mais sendo anulado como aluno e sujeito pela escola. Somente a partir desse movimento a palavra será devolvida ao estudante e este, por seu turno, escreverá textos baseados em reflexões e não somente preenchidos com fragmentos esvaziados de sentido, os quais são provenientes, muitas vezes, da má formação docente e dos livros didáticos.”

O riso e a desordem

“O poder não sobrevive ao riso, à desordem, à variação. Ele se exerce pela ordem. Em termos de língua, pelo ‘empoderamento’ de um dos modos de dizer – aquele da elite de plantão – como o único correto, a fim de produzir os silenciamentos não só de outros modos de dizer, mas também de dizeres outros.”

(apud GERALDI, 2005, p. 6.)

“A redução material da palavra e a relativa simplificação estrutural (e não de raciocínio) podem ser relacionadas às reduzidas condições materiais e à necessidade, imposta pelo mundo da mercadoria, de velocidade das informações inequívocas. Não se resolveria tal situação fazendo, somente, com que quem não tem acesso à Norma Culta a domine. Seria como imaginar ser possível, nessa sociedade de consumo, que todos tivessem acesso igualitariamente aos mesmos bens materiais. A preponderância não é das ideias sobre a matéria, a relação ainda é de confronto. E deve ser assim, tensionar um dos lados e tensionar o outro também, criar a desordem obriga a mão forte da ordem, como apontou Geraldi na descrição do movimento de aproximação e distanciamento. Entretanto, esperar da língua a força transformadora é só esperar.”

Referências Bibliográficas

BARZOTTO, Valdir Heitor; TREVIZO, Débora; PRADO, Rafael Barreto do; BOTTEGA, Rita Maria Decarli. Tinta sobre Papel: Técnicas de Escrita e de Representações de Ilusões. Web-Revista Discursividade: Estudos Linguísticos, v. 6, p. 16, 2010. Disponível em:

<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/06/Arquivos/BARZOTTO.pdf>

COLELLO, Silvia M. G. Introduzindo... A Armadilha da e pela linguagem p. 15-24. In: _____. A escola que (não) ensina a escrever. São Paulo: Summus, 2012. p. 272. Disponível em:

<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/35449/pdf/0>

DINESEN, Isak. Out of Africa. Modern Library, 1992 [1937].

Verbete *Tipos de Sistemas de Escrita*. Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/writing/Types-of-writing-systems>